

Veredas de Rosa, Sertões de Euclides: rasgando e cosendo masculinidades jagunças

Jaciel Alves dos Santos ^{1*}, Lucirleide Rosa de Jesus², Magali Santana Santos Freitas³, Carla Daiana Rodrigues Dourado⁴, Valdemir Seixas Lima⁵, Marcella Alves Barreto⁶, Stéffany Lima de Castro⁷, Amanda Alves Bastos Conceição⁷

¹Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre-Rio Grande do Sul, Brasil.

²Secretaria Municipal de Educação, Ibititá, Bahia, Brasil.

³Colégio Estadual José de Anchieta (CEJA), Morro do Chapéu, Bahia, Brasil.

⁴Colégio Municipal Eufrásio Vilela Dourado, Ibititá, Bahia, Brasil.

⁵Universidade de Brasília (UnB), Brasília, Distrito Federal, Brasil.

⁶Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, Bahia, Brasil.

⁷Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias (DCHT), Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Irecê, Bahia, Brasil.

*Autor correspondente: Jaciel Alves dos Santos.

E-mail:
advjacielasantos@gmail.com



Revista Sertão Sustentável 2025.
Open access sob licença Creative Commons BY-NC-ND 4.0 International.

Recebido:06-06-2025.

Aceito:06-12-2025.

Resumo

Mediante revisão bibliográfica, objetivamos nos acercar e refletir sobre masculinidades e violências a partir das obras literárias *Grande sertão: Veredas* de Guimarães Rosa e *Os Sertões* de Euclides da Cunha. Pretendemos analisar se e em que medida tais obras rasgam as noções tradicionais de gênero e sexualidade e como costuram o que conceituamos, aqui, de *sexualidades jagunças*. Tomamos como aporte teórico os estudos de gênero e sexualidade de perspectiva pós-estruturalista. Por meio das obras-foco, buscamos re/contextualizar a *masculinidade jagunça*, via recorte discursivo, sócio-histórico e polinizar nossas compreensões das múltiplas e infinitas maneiras de viver a sexualidades e as identidades de gênero; finalmente, versamos acerca das masculinidades que habitam as paisagens sertanejas pintadas e bordadas pelas duas obras, o que nos possibilitou visualizar outras con/formações sexuais e de gênero que rasgam as noções binárias.

Palavras-chave: Homo/sexualidades sertanejas. Violências. Ser-tão cabra-macho. Identidade de gênero.

Abstract

Through a bibliographic review, we aim to reflect on masculinities and violence based on the literary works *Grande Sertão: Veredas* by Guimarães Rosa and *Os Sertões* by Euclides da Cunha. We seek to examine whether, and to what extent, these works tear through traditional notions of gender and sexuality and how they weave what we conceptualize here as *jagunço* sexualities. Our theoretical framework is grounded in post-structuralist perspectives on gender and sexuality. Through the analysis of these key works, we aim to re/contextualize *jagunço* masculinity through a discursive and socio-historical lens, and to pollinate our understandings of the multiple and infinite ways of living sexualities and gender identities. Finally, we discuss the masculinities that inhabit the *sertão* landscapes painted and embroidered by these two literary works.

Keywords: Rural homo/sexualities. Violences. *Cabra-macho* backlands. Gender identity.

Introdução

A contextura das obras *Os sertões* (1902) e *Grande Sertão: Veredas* (1956) dá a ver a descrição de um mosaico de cenários sob o rótulo do que conhecemos como *Sertão*. Em tais espaços ficcionais, habitam homens cujas masculinidades aproximam-se, invariavelmente, da masculinidade viril e violenta a qual figura-se como algo imposto aos meninos. Nesse cenário, as masculinidades ganham relevo e tramam uma intrincada rede masculinista a qual visa prender os meninos, impondo-lhes um único modo de ser homem: um cabra-macho.

Neste trabalho, embrenhamos pelas veredas sertanejas tra/n/çadas pelas duas obras com o intuito de compreender se e em que medida elas contribuem para a des/construção das masculinidades que

habitam o Sertão e que são, normalmente, baseadas na agressividade, na virilidade e na coragem: aqui chamada de *masculinidades jagunças*.

Nesta pesquisa re/cortamos como *corpus* as obras *Os sertões*, de Euclides da Cunha, e *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, selecionadas por constituírem narrativas clássicas da literatura brasileira que tematizam o *Sertão* e a figura do homem sertanejo. O critério de escolha residiu pontualmente na possibilidade de problematizar as representações de masculinidades que emergem dessas produções, em especial a tensão entre a rudeza e a virilidade atribuídas e impostas ao jagunço/vaqueiro e a inesperada abertura a outras formas de amor dissidentes que escapam à lógica heteronormativa, como evidenciado na relação entre Riobaldo e Diadorim, os dois jagunços que vivem uma história de amor nas *Veredas* de Rosa. Para tanto, costuramos uma análise literária de caráter interpretativo, articulada a referenciais dos estudos de gênero e sexualidades de cariz pós-estruturalista, permitindo confrontar as des/construções literárias que podem promover debates contemporâneos acerca das masculinidades e suas fissuras.

Pontuamos que assumimos e empreendemos desta escrita de forma enredada e nos é uma possibilidade de, embora pelos desvios da lógica linear cartesiana, nos utilizar de muitas linhas e fios para urdir esta trama. Mas são outros fios e diferentes linhas. Assim, buscamos o desvio, porque entendemos, a partir de Ferraço (2021, p. 11), que “a escrita convencional, linear, pode ser pensada apenas como mais uma expressão estética e não a única”.

O Sertão é enredado como um lugar rústico, aonde o progresso ainda não chegou, cuja rotina secular permanece inalterada e os comportamentos, sentimentos e atitudes parecem ser de outro tempo. Ressalta-se, ademais, que há uma incontestável supremacia da figura masculina e o feminino, raras vezes, aparece nas obras, o que sugere um mundo protagonizado, narrado e, portanto, criado por tais masculinidades. Vale pontuar, no entanto, que, nesse ambiente habitado por figuras agrestes e de personalidades impenetráveis e duras, ao menos em tese, não há lugar para a contestação e dissidências no que tange às identidades de gênero e sexualidades não hegemônicas.

Estas duas obras literárias, bem como o referencial teórico que esteiam este estudo viram em óculos com os quais intentamos desbravar as veredas e compreender se, em que medida e como tais masculinidades aparecem e de que modo elas re/produzem e/ou provocam rupturas das noções de gênero e sexualidades que, no imaginário social, são costuradas em pontos fixos.

Assim, para descortinar tal horizonte tramado e bordado por João Guimarães Rosa e Euclides da Cunha, recortamos o presente artigo em três retalhos principais. A saber: 2) *Decalcando moldes das sexualidades e dos gêneros do Sertão*; 3) *Re/moldando e alinhavando recortes de gêneros e sexualidades n/d/o Sertão*; e 4. *Costurando e arrematando os recortes teórico-narrativos*; além das considerações finais – *Dando um pes/ponto e dando um nó*.

Resultados e Discussão

Decalcando moldes das sexualidades e dos gêneros do Sertão

As tramas urdidas nas obras trazem à tona um tipo padrão de homem sertanejo: o vaqueiro/jagunço. A imagem desse homem embrutecido parece ocultar uma pretensa naturalidade da heterossexualidade de tais sujeitos, frente à qual não há espaço para as dissidências sexuais e para outras identidades de gênero. Ante a esse quadro regulatório, a heterossexualidade tóxica com/im/põe-se como modelo a ser seguido.

“Andando que sentados, jogando jogos, ferrando queda de braço, assoando o nariz, mascando fumo forte e cuspidando longe, e pitando, picando ou dedilhando fumo no covão da mão, com muita demora¹”.

¹ ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. 19. ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p. 179.

“Nesses sertões, nesses gerais²”, entremeados pela lógica machista, impera uma verdade incontestável: “Homem não chora!³”.

Tal quadro regulatório evidencia-se no retalho a seguir, o qual foi recortado de *Grande Sertão: Veredas*, e dá a ver uma áurea trivial e corriqueira da violência e da morte, seja ela morte morrida ou morte matada. Uma violência performática típica da masculinidade padrão. “A umas cem braças para cima, onde o córrego atravessava a capoeira, estavam esfaqueando o rapaz, e eu espiava para a água, esperando ver vir misturado o sangue vermelho dele – e que eu não era capaz de deixar de beber⁴”.

Os dois livros reproduzem uma longa história da supremacia masculina que é legitimada e reiterada por meio da violência e subjugação dos sujeitos não masculinos. No entanto, como bem pontua Louro (2017, p. 20), “a normatividade não está assegurada, ela é promovida cotidianamente [...] aqueles ou aquelas que não realizam a prescrição têm enormes custos morais, políticos, materiais, sociais”; “os custos cobrados desses sujeitos são altos. São-lhes impostos custos morais, políticos, materiais, sociais, econômicos” (Louro, 2021, p. 80). Acrescentaríamos, ainda, os custos emocionais que se apresentam nos sofrimentos de Riobaldo, mais à frente, tecidos por nós na presente análise.

Vale frisar que o contexto dos jagunços do Sertão interpela cada membro a obedecer ao código de conduta do bando – atrelado ao machismo, ao sofrimento e à violência como *fio condutor* das relações sociais. Nesse ambiente, o modelo de corporeidade e masculinidade apreciado e respeitado é o do homem forte, viril, sisudo, corajoso e impiedoso, pois, conforme Riobaldo pontua, “jagunço amolece, quando não padece⁵”. Amolecer não está no horizonte pintado pelas obras. Homem tem de ser duro.

“O sertanejo é antes de tudo um forte⁶”. Esta frase seguramente é uma das mais conhecidas da obra *Os Sertões* de Euclides da Cunha. Esta obra se divide em três partes, conforme sabemos: *A terra, O homem e A luta*. É na parte na qual d/escreve o homem, que os Sertões de Euclides deixam evidentes as características físicas, psicológicas e morais do jagunço sertanejo. Porém, é nesta obra, também, que o autor expressa uma visão pejorativa do sertanejo, visto como uma raça mestiça e pouco desenvolvida à qual “falta-lhe a plástica impecável⁷”, pois é um povo “desgracioso, desengonçado e torto⁸”. Todavia, dada à extensão do presente estudo, não intentamos ressaltar aspectos ligados ao porte físico ou à estética do sertanejo, a qual atrela-se a uma visão alinhavada a um possível darwinismo social n’*Os Sertões* de Euclides, mas pontuar alguns caracteres subjetivos, entre os quais destacam-se a valentia, destemor, agressividade e a obediência ao código masculino.

N’*Os Sertões* de Euclides, a suposta imagem de fraco e de preguiçoso engana. A depender a situação, “o homem transfigura-se⁹” com um “olhar desassombrado e forte¹⁰”; a “figura vulgar do tabaréu canhestro reponta, inesperadamente, o aspecto dominador de um titã acobreado e potente, num desdobramento surpreendente de força e agilidade extraordinárias¹¹”. O homem sertanejo “atravessa a vida entre ciladas¹²”, pois é “perenemente audacioso e forte¹³”, mas também “bárbaro, impetuoso e abrupto¹⁴”.

² *Idem*, p. 114.

³ *Ibid.*, p. 208.

⁴ *Ibid.*, p. 257.

⁵ ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. 19. ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p. 310.

⁶ CUNHA, Euclides. *Os Sertões: Campanha de Canudos*. 2 ed. Belo Horizonte-MG: Garnier; 2021. p. 102.

⁷ *Idem*, p. 102.

⁸ *Ibid.*, p. 102.

⁹ CUNHA, Euclides. *Os Sertões: Campanha de Canudos*. 2 ed. Belo Horizonte-MG: Garnier; 2021. p. 103.

¹⁰ *Idem*, p. 103.

¹¹ *Ibid.*, p. 103.

¹² *Ibid.*, p. 106.

¹³ *Ibid.*, p. 106.

¹⁴ *Ibid.*, p. 106.

“O jagunço é menos teatralmente heroico: é mais tenaz; é mais resistente; é mais perigoso; é mais forte; é mais duro¹⁵”. “A vida é uma conquista arduamente feita¹⁶”. Numa situação de perigo, recua. “Mas, no recuar é mais temeroso ainda¹⁷”.

Numa recém-república, afastado da costa – “lá onde criminoso vive seu cristo-jesus arredado do arrocho de autoridade¹⁸” –, cada bando de jagunços possuía seu próprio código de lei, de moral e conduta, man/con/tido por meio de uma masculinidade viril e violenta. Como se vê, “o sertão é o homízio¹⁹”, como pontua Euclides da Cunha. Portanto, nas *Veredas* de Rosa, por está longe da costa e sem força policial ou jurídica, o “sertão é onde manda quem é forte, com as astúcias²⁰”. Como “não tinham recurso de cadeia, e pajear criminoso por viagens era dificultoso, tirava as pessoas de seus serviços²¹”, os jagunços detinham o poder de vida e de morte sobre o inimigo vencido.

A teia dos acontecimentos engenhosamente urdida pelo narrador-protagonista das *Veredas* Roseanas – Riobaldo – produz um tecido de caos que, por vezes, traz à trama o sobrenatural, seu passado de jagunçagem pelos sertões e seu amor por outro jagunço do seu grupo e seu drama interno resultante do combate ao amor homossexual e a obediência à heteronormatividade que lhe é imposta.

Riobaldo, ex-jagunço, que tinha “valia de atirador²²”, cuja “velhice já principiou²³”, é o narrador-personagem principal de *Grande Sertão: Veredas*, o qual esmiúça, meticulosamente, as suas lembranças mais secretas. Trata-se de um homem inculto, mas dotado de imaginação e poesia, que passa em revista os acontecimentos de suas jornadas de jagunçagem pelos sertões, sobretudo o seu amor por outro jagunço do seu bando: Diadorim.

Como se nota, o processo de produção das masculinidades é moroso e costurado repetidamente e é o ponto nodal do universo tramado pelas obras. Muitas masculinidades coexistem no mesmo universo e são todas referenciadas por um modelo imaginário de masculinidade. Há muitas formas de ser homem ser mulher. Todavia, as hierarquizações, por vezes, transformam as diferentes formas de se viver as masculinidades em desigualdades.

Re/moldando e alinhando recortes de gêneros e sexualidades n/d/o Sertão

“O sexo é um constructo materializado ao longo do tempo” [...]; no entanto, “corpos nunca cumprem completamente as normas pelas quais se impõe a sua materialização” (Butler, 2019, p. 16). Tal normativa enfatiza, de modo reiterativo, qual o sujeito é tido como viável e valorizável. No entanto, Riobaldo e Diadorim apaixonam-se e desestabilizam antigas certezas que se alojam em pontos fixos e, caso o amor entre os dois seja descoberto, correm o risco de serem exilados socialmente.

Embora emaranhados em teias discursivas que visam moldar os corpos e, conseqüentemente, as sexualidades e, por extensão, o desejo, estes dois jagunços embaralham as linhas divisórias entre os gêneros e as sexualidades e descarrilham as certezas que alinham corpo-gênero-sexualidade. Em outras palavras, põem em xeque “a heterossexualidade que prevê uma única e coerente articulação entre sexo-gênero-sexualidade” (Louro, 2017, p. 108). Como se vê, “apesar de tudo isso, a seqüência é desobedecida e subvertida” (Louro, 2021, p. 16).

Nesse contexto, a descoberta do amor entre os dois jagunços não acontece de maneira tranquila. Num ambiente habitado por cabras-machos, “ignorantes, grosseiros cabras²⁴” – conforme descreve o ex-

¹⁵ *Ibid.*, p. 107.

¹⁶ *Ibid.*, p. 107.

¹⁷ *Ibid.*, p. 107.

¹⁸ *Ibid.*, p. 24.

¹⁹ *Ibid.*, p. 423. *Homízio* significa lugar em que se esconde pessoa que foge à ação da justiça.

²⁰ ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. 19. ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p. 35.

²¹ *Idem*, p. 90.

²² *Ibid.*, p. 261.

²³ *Ibid.*, p. 30.

²⁴ ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. 19. ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p. 78.

jagunço Riobaldo –, não era de se esperar que dois homens pudessem viver uma história de amor de forma livre e desimpedida. Como se vê, Riobaldo é tomado pelo amor por Diadorim, sentimento que ele nunca experimentara. Ele mesmo afirma seu amor à primeira vista; que “desde o começo eu apreciei aquela fortaleza de outro homem²⁵”.

Conforme Preciado (2017) pontua, a cisheteronormatividade não é uma prática sexual, é, antes, um regime político que opera de modo a garantir a estruturação androcêntrica, cisgênera e heteronormativa, como norma e governo da vida. No entanto, este amor rompe, vaza e escorre. Dessa maneira, desobedece ao que impõe o *script* de gênero imposto a cada um muito antes de nascermos. Felipe e Guizzo (2022) costumam que os *scripts* de gênero são roteiros que se costuma traçar para ambos os sexos, muitas vezes, muito antes de nascermos. Roteiros que prescrevem e ditam, por meio de diversos códigos, discursos e práticas, dizendo como os indivíduos devem se com/portar de acordo com cada “sexo”; “um processo que, como se sabe, se inicia antes mesmo do nascimento” (Louro, 2017, p. 107) Dos homens espera-se, inclusive, que atendam e reforcem o cisheteropatriarcado²⁶ por meio da violência e da negação do feminino.

Acontece que Riobaldo, embora narre as suas aventuras quando já idoso, vivera suas experiências relacionadas ao amor homossexual quando já era adulto e noivo de Otacília. Daí por que se pode afirmar que a sexualidade nunca está pronta e acabada. As *Veredas* de Rosa evidenciam, portanto, “que a sociedade machista, apesar de tentar muito definir os papéis de gênero, não cumpre seu intento e evidencia o caráter fluido, instável e cambiante das identidades que se pretendem fixas e acabadas” (Santos, 2024, p. 36). Dessa feita, evidenciam que “os corpos não são, pois, tão evidentes como sexualmente pensamos. Nem as identidades são uma decorrência direta das “evidências” do corpo” (Weeks, 2000, p. 17).

“Sertão é penal, criminal. Sertão é onde homem tem de ter dura nuca e mão quebrada²⁷”. As aventuras de saques, de guerras contra outros bandos, invasão de fazendas e roubo de rebanhos, acampamentos, perigos de animais ferozes e peçonhentos faziam parte do cotidiano do bando e forjam as masculinidades e seus modos de ser, de viver e de se aventurar. Com efeito, varar os sertões dos gerais e da Bahia – com suas adversidades climáticas –, tornou-se fácil para Riobaldo por ter no grupo o jagunço Diadorim. “Eu gostava de Diadorim para poder saber que esses gerais são formosos²⁸”. Ainda,

Diadorim e eu, nós dois. A gente dava passeios. Com assim, a gente diferenciava dos outros – porque jagunço não é muito de conversa continuada nem de amizade estreita: a bem eles se misturam e desmisturam, de acaso, mas cada um é feito um por si. De nós dois juntos, ninguém nada falava. Tinham a boa prudência. Dissesse um, caçoasse, digo – podia morrer (Rosa, 2001, p. 44).

“Mas, dois guerreiros, como é, como tem poder de se gostar, mesmo em singela conversação – por detrás de tantos brios e armas²⁹?”; “fiquei sabendo que gostava de Diadorim – de amor mesmo amor, mal encobertado em amizade³⁰”. Como se nota, o amor não escolhe nem tempo nem lugar e Riobaldo

²⁵ *Idem*, p. 47.

²⁶ Esta categoria de análise é resultante da junção dos conceitos de cisgeneridade (refere-se ao sujeito que se identifica com o gênero atribuído no nascimento), heteronormatividade (sistema político que determina a dicotomia complementar e assimétrica entre sexos/gêneros instituindo a heterossexualidade como norma) e o patriarcado (sistema político-social em que o homem adulto detém o controle sobre todas as relações de poder).

²⁷ ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. 19. ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p. 126.

²⁸ *Idem*, p. 72.

²⁹ *Idem*, p. 593.

³⁰ *Ibid.*, p. 305.

oscila entre o um “não querer mais que bem querer³¹”, pois sabia que tinha que cumprir as imposições do código de conduta jagunço, e pontua “porque eu desconfiava mesmo de mim, não queria existir em tensão soez³²”.

Soez, conforme o Dicionário Miniaurélio (2001, p. 682), significa vil, torpe e reles. Assim, tal significado ligado a algo vil e torpe deita raízes em um passado que insiste em não passar; de tempos em que atos homossexuais eram vistos como o pecado que não se ousa dizer o nome ou visto como crime. Riobaldo tinha repulsa pelo que sentia. “Na década de 1940, o célebre psicanalista S. Ferentzi já sugeria que a aversão e o asco provocado pelos homossexuais em alguns indivíduos não passam de reação sintomática de defesa contra a atração por pessoas do mesmo sexo” (Borrillo, 2010, p. 99).

Embora rejeitasse, em um nível racional mais superficial, Riobaldo deixava-se levar por impulsos os mais secretos. “Acertei minha ideia: eu não podia por lei de rei, admitir os extratos daquilo. Ia, por paz de honra e tenência, sacar esquecimento daquilo de mim³³”. Contudo, quando ninguém mais podia ver ou perceber tal desejo, deixava vir à flor da pele o que buscava sublimar. Certa feita, não conseguiu reprimir o desejo sexual que nutria pelo jagunço Diadorim e então narra que

A noite que houve, em que eu, deitado, confesso, não dormia; com dura mão sofri meus ímpetos, minha força desperdiçada; de tudo me prostrei. Ao que me veio uma ânsia. Agora eu queria lavar meu corpo debaixo da cachoeira branca de um riacho, vestir terno novo, sair de tudo o que eu era, para entrar num destino melhor (Rosa, 2001, p. 333).

“Agora eu tinha Diadorim assim perto de afeto, o que ainda valia mais no meio desses perigos de fato³⁴”. Nesse mundo pincelado pelas memórias de Riobaldo – ambiente dominado por homens másculos e valentes –, quase não havia espaço para as mulheres. Na narrativa, há pouca menção a elas. Trata-se de personagens secundárias, a exemplo de Duzuza, Nhorinhá, Rosa’uarda, Otacília, as quais pouco ou quase nada participam da história. Possivelmente, foi esta realidade, em que a mulher é tomada como sujeito subalternizado, que motivou Deodorina, desde *pequeno*, a tornar-se Diadorim e poder gozar das benesses e privilégios sociais que são possibilitados quase que exclusivamente aos homens-cabras-machos. Diadorim tornou-se “valente como mais valente, sertanejo supro. E danado jagunço³⁵”. Isso mostra o quanto os gêneros são fluidos, cambiáveis e construídos histórica e culturalmente.

Se Deodorina era uma mulher que se disfarçava de jagunço Diadorim para participar do bando e ter acesso às benesses e privilégios de um mundo regido pela lógica masculinista, ou se se trata de um homem trans gay parece figurar com outro universo interpretativo para outras pesquisas e outras futuras costuras possíveis.

Costurando e arrematando os recortes teóricos-narrativos

Riobaldo estranhava o fato de estar tendo aqueles sentimentos em relação a Diadorim; que “vinha a tanto tempo relutando, contra o querer gostar de Diadorim mais do que, a claro, de um amigo se pertence gostar³⁶”. Descobriu que Diadorim lhe nutria sentimento recíproco: “Diadorim me queria tanto bem, que o ciúme dele por mim também se alteava³⁷”.

³¹ *Monte Castelo* (Legião Urbana). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6W7s1Z4a-KI>. Acesso em junho de 2025.

³² ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. 19. ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p. 332.

³³ *Idem*, p. 308.

³⁴ ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. 19. ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p. 255.

³⁵ *Idem*, p. 583.

³⁶ ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. 19. ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p. 52.

³⁷ *Idem*, p. 52.

O jagunço Riobaldo percebeu tal ciúme pela forma como Diadorim lhe perguntou se ele estivera na casa de dona Duzuza para ver Niorinhá. Percebe-se que o amor platônico – “que eu não podia divulgar³⁸” – entre os dois ficou estremeado, porém, o sentimento ficou ainda mais incontável: “[...] mesmo no fim de tanta exaltação, meu amor inchou, de empapar todas as folhagens, e eu ambicionando de pegar em Diadorim nos meus braços, beijar, as muitas demais vezes, sempre³⁹”.

Com efeito, a masculinidade viril de Riobaldo e Diadorim *ficou por um fio*. Por essa razão, ambos se preocupavam com eventual preconceito que poderiam sofrer por parte dos outros jagunços do bando. Riobaldo afirma “que ali convinável não era de se ficar muito tempo juntos, apartados dos outros. Cisme que maldavam, desconfiassem de ser feio pegadio⁴⁰”. Por considerar tal sentimento feio, Riobaldo questionava-se: “o amor assim pode vir do demo? Poderá? Pode vir de um-que-não-existe?⁴¹”.

Conforme pontuam Silva Junior e Caetano,

esse quadro sugere que o caminho para concretizar as regras da masculinidade precisa ser performatizado e inteligível entre o semelhante, outro homem, e oposto direto, a mulher. A possibilidade de se desviar do caminho orientado é uma constante ameaça na vida dos sujeitos (Silva Junior; Caetano, 2022, p. 193).

Como se vê, Riobaldo e Diadorim pegaram outras veredas para além das exigidas e impostas pela heteronormatividade; borraram as fronteiras entre os gêneros e viveram sentimentos que vasaram na norma imposta. Ademais, ambos sabiam que poderia sofrer represálias e preconceitos. Tal fato evidencia uma meticulosa e intensa vigilância dos corpos que visam discipliná-los. Essa regulação social dos corpos e da sexualidade é uma força que molda atitudes e comportamento dos sujeitos e isso se estende pela vida toda. Acredita-se que a orientação sexual deva estar interligada e costurada ao sexo de nascimento. Se ela é tão automática e vista como um *a priori* e, portanto, como algo dado e definido, por qual razão haveria a necessidade de uma contínua vigilância e reiteração do controle social dos corpos?

Portanto, conforme aduzido por Louro (2021, p. 17), os “efeitos das instituições, dos discursos e das práticas, o gênero e a sexualidade guardam a inconstância de tudo que é histórico e cultural, por isso às vezes escapam e deslizam”. As diferenças são nomeadas e produzidas e o corpo não é só um corpo. O corpo, seus modos, modas, moldes, hábitos, cuidados e procedimentos incidem sobre sua superfície produzindo-o ao gosto do sujeito. “É, ainda o conjunto de signos que compõe sua produção” (Meyer, 2021, p. 37). Conforme pontuado por Louro (2017, p. 111), “fazemos nossos corpos com os discursos de que dispomos, os discursos de nossa época” e esse processo é também construído a partir da ambientação.

Dando um pes/ponto⁴² e dando um nó

É cediço que as sexualidades e as masculinidades são vividas e experimentadas de variadas formas e que a masculinidade, *grosso modo*, é produzida mediante violências e, como corolário, tem-se a hierarquização das identidades de gênero e a subalternização de determinados sujeitos. Sabe-se que “os corpos ganham sentido socialmente; no contexto de determinada cultura (...) moldados pelas redes de poder de uma sociedade” (Louro, 2000, p. 12). Os livros *Os Sertões* e *Grande Sertão: Veredas* provocam reflexões sobre masculinidades violentas, bem como a diversidade de vivências identitárias no que tange às sexualidades e identidades de gênero. Nessa perspectiva, estas obras literárias podem contribuir para

³⁸ *Ibid.*, p. 592.

³⁹ *Ibid.*, p. 55.

⁴⁰ *Ibid.*, p. 185.

⁴¹ *Ibid.*, p. 155.

⁴² Pesponto, conforme Ferreira (2001, p. 568), significa uma costura externa, em geral à máquina e com pontos graúdos, para prender ou ornamentar a parte costurada.

a construção de outras racionalidades no que se refere às corporeidades e masculinidades, para além das hegemônicas.

A interrupção da lógica heterossexual, não sem resistência, é vista como algo a ser silenciado, reprimido e proscrito. O amor que Riobaldo sente por Diadorim o leva a construir o seu autoconhecimento, assim como refletir e questionar valores sociais, moldando sua visão de mundo. A ambiguidade de gênero de Diadorim desafia a rigidez da masculinidade do homem do sertão e mostra que a mesma se constrói de maneiras diversas. Como resultado dessa lógica, Riobaldo, visando assegurar a respeitabilidade que a sociedade atribui a cabras-machos tal qual ele queria parecer ser, carregou tal sentimento consigo para a velhice, como uma espécie de contrabando, escondendo, assim, seus desejos e práticas que, de alguma forma, julgava não poder desvelar.

Considerações finais

Como se viu nos cenários recortado e descritos ao longo deste texto, arrematamos com Silva Junior e Caetano (2022, p. 193), quando pontuam que “as masculinidades são construídas e reconstruídas, não podendo ser tomadas como realidades imutáveis e objetivas, estando sempre mudando de acordo com a história e a cultura e sujeitas às relações de poder”.

Como se nota nas obras em relevo, a violência confere atributos positivos e cinge a masculinidade tida como adequada aos homens – a valorizada socialmente –, ao mesmo tempo em que os faz socialmente superiores às mulheres e aos sujeitos que não conseguem performar tal modelo de masculinidade. Não são poucas as vezes em que a violência é narrada nas obras como algo trivial, a qual confere *status* ao cabra-macho, sem qualquer sobressalto ou surpresa por parte dos sujeitos que a vivenciam/presencia.

Referências

- BORRILLO, D. **Homofobia**: história e crítica de um preconceito. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.
- BUTLER, J. **Corpos que importam**: os limites discursivos do “sexo”/tradução Veronica Daminelli e Daniel Yago Françoli. N-1 Crocodilo. 1ª. Edição, impresso em São Paulo, 2019.
- CUNHA, E. **Os Sertões**: Campanha de Canudos. 2 ed. Belo Horizonte-MG: Garnier; 2021.
- FELIPE, J; GUIZZO, B.S. “Minha mãe me vestiu de Batman, mas eu sou a Mulher Gato”: Discussões sobre script de gênero, sexualidade e infâncias. In: SEFFNER, Fernando. FELIPE, Jane. **Educação, gênero e sexualidade**: (im)pertinências. Fernando Seffner e Jane Felipe (orgs.). – Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.
- FERRAÇO, C. E. Eu caçador de mim. In: **Currículo em rede e pesquisa com os cotidianos e... Movimentos, repetições e diferenças na imanência de uma vida**. Carlos Eduardo Ferraço – Curitiba: CRV, 2021. 373 p.
- FERREIRA, A. B. de H. **Miniaurélio século XXI**: O minidicionário da língua portuguesa. 5ª ed. rev. ampliada. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- LISBOA, L.B. de. RIBEIRO, T. “Narrar a vida e literaturizar a ciência”: notas em torno de, pesquisa, escrita e experiência. **Revista Communitas**. V. 9, N. 21, 2025.
- LOURO, G.L. Mil botões. In: LOURO, G L. **Flor de açafraão: takes, cuts, close-ups**/Guacira Lopes Louro. –1. ed. Belo Horizonte, 2017. – (Argos, 3)

LOURO, G.L. Calções, saias e crinolinas. *In*: LOURO, G.L. **Flor de açafão: takes, cuts, close-ups**/Guacira Lopes Louro. –1. ed. Belo Horizonte, 2017. – (Argos, 3)

LOURO, G.L. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer/Gucira Lopes Louro. 3. ed. rev. amp.; 3. Reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2021. (Argos)

MEYER, D.E. Gênero e educação: teoria e prática. *In*: **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**/Guacira Lopes Louro *et al* (orgs.). – Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. P. 16-37

PRECIADO, P. **Manifesto Contrassexual**. Tradução: Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2017.

ROSA, J. G. **Grande Sertão**: Veredas. 19. ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SANTOS, J. A. dos. **De salto alto na escola**: discussões sobre sexualidades (re)negadas. – 1. ed. – Curitiba: Appris, 2024.

SILVA JUNIOR, P.M. da. CAETANO, M. Roda de homens negros: masculinidades, mulheres e religião. *In*: **De guri a cabra-macho**: masculinidades no Brasil. Organização Marcio Caetano, Paulo Melgaço da Silva Junior. 1ª edição, 1ª impressão, Rio de Janeiro: Lamparina, 2022.

WEEKS, J. O corpo e a sexualidade. *In*: GUACIRA, Guacira Lopes. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade/ organização Guacira Lopes Louro; tradução Tomaz Tadeu da Silva. – 4. ed.; 5. reimpr. – Belo Horizonte: Autêntica, 2023.